

4

IMPLICAÇÕES CLÍNICAS DA FANTASIA

A fantasia em sua significação – refiro-me à fantasia em que o sujeito figura como criança espancada – torna-se a relação com o Outro por quem se trata de ser amado, enquanto ele mesmo não é reconhecido como tal. Essa fantasia situa-se, então, em algum lugar da dimensão simbólica entre o pai e a mãe, entre os quais, aliás, ela efetivamente oscila.

Jacques lacan ¹

4.1

Fantasia e sintoma

Miller propõe a divisão entre sintoma e fantasia como uma questão de extrema relevância para a clínica psicanalítica. A oposição entre sintoma e fantasia toma um lugar pregnante no seminário ministrado por este autor, na Escola da Causa Freudiana em Paris, cujo título foi “Do Sintoma à Fantasia e Retorno”. Tal divisão proviria tanto de sua leitura de Freud e Lacan, quanto de sua prática.

Como vêm essa oposição que lhes proponho é uma oposição que me parece central. Creio que se ganharia muito caso se fizesse uma releitura de Freud e Lacan e se ordenasse as coisas mediante a mesma.²

O sintoma nos coloca frente à questão de sua cura, mas, se Lacan fala de “**travessia da fantasia**”, é justamente para não falar de levantamento ou desaparecimento da fantasia, pois da fantasia não se pode curar-se.

Com a fantasia se trata, pelo contrário e, sobretudo, de ir ver o que está por trás. Coisa difícil porque por trás não há nada. Entretanto é um nada que pode assumir diversos rostos, e na travessia da fantasia se trata de dar uma volta pelos lados desses nada³.

¹ LACAN, J., “A Fantasia Para Além Do Princípio Do Prazer” in Seminário 5: *As Formações do Inconsciente* (1957-1958), cap. XIII, p. 256.

² MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” in *Percurso de Lacan*, pg. 96.

³ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p. 92

Miller adverte que “*dar a volta pelos lados do nada*” ou, dito de outra forma, “*ir além do ponto de suposto bem-estar*” ou, ainda, chegar a “*travessia a fantasia*”, não é desejo de todo e qualquer analista. O analista pode limitar-se ao seu desejo terapêutico, trabalhando como aquele que se adequa à definição do mestre dada por Lacan, ou seja: é aquele que quer que a coisa funcione, que a coisa ande bem com o indivíduo que se lhe apresenta.

Até diria que o sintoma, como formação do inconsciente, deve ser situado em relação ao discurso do mestre... Pelo contrário, é a estrutura da fantasia e o fim de análise o que está privilegiado no discurso do analista.⁴

Segundo o autor, na prática do analista, há uma parte que consiste em tranquilizar o paciente quando este chega em pânico ou angustiado... Mas não é isso a totalidade da análise. De acordo com a teoria de Lacan, a análise vai além do ponto de suposto bem-estar e além do momento em que o sujeito começa a sentir-se bem sob sua pele. Num certo sentido esse “ir além” contrapõe-se aos ideais comuns da cultura universal e dispõe de um caráter associal. A função de analista compreende uma certa subversão, já que aponta para uma ética que supõe valores talvez inaceitáveis ao poder constituído: a ética do desejo.

Dos sintomas, os pacientes falam muito para lamentarem-se deles, pois é a razão pela qual chegaram à análise. Em relação à fantasia fundamental, por outro lado, o paciente não fala, pois é justamente através dela que obtém prazer. O paciente encontra, em sua fantasia acompanhada de uma satisfação masturbatória, um recurso contra seu sofrimento, uma compensação.

A fantasia neurótica em geral causa vergonha, pois é contraditória com os valores morais vigentes, tendo em vista que seu conteúdo é perverso; o que não quer dizer que se trate de uma perversão. Além disso, a fantasia não se harmoniza com o resto da neurose, pelo contrário, ela permanece à parte, como indica claramente Freud no texto de 1919:

Ele [o analista] é obrigado a admitir para si próprio que, em grande medida, **essas fantasias subsistem à parte do resto do conteúdo de uma neurose** e não encontram lugar adequado na sua estrutura.⁵

⁴ Op. Cit., p. 97.

⁵ FREUD, S., “Uma criança É Espancada- Uma Contribuição Ao Estudo Da origem Das Perversões Sexuais” (1919), E.S.B.-1976, Vol. XVII, p. 230 (Grifos meus).

Miller destaca esse ponto, afirmando que a fantasia está em um lugar diferente dos sintomas e que, na direção do tratamento, deve-se levar em conta essa diferença essencial que conseqüentemente traz determinadas implicações clínicas.

O autor, desenvolvendo o que já fora afirmado por Freud, de que a fantasia é um meio de obter prazer, afirma que fantasia é como “*uma máquina para transformar o gozo em prazer. Como uma máquina para domar o gozo, pois o gozo por seu próprio movimento dirige-se ao desprazer e não ao prazer*”.⁶

A idéia de “domar o gozo” pode ser demonstrada, na psicanálise freudiana, também por outra atividade que compartilha essa função da fantasia: a brincadeira das crianças. Freud já tinha aproximado o brincar infantil da fantasia, enquanto formas de conciliação entre prazer e gozo, no texto de 1907⁷.

No famoso jogo do “fort-da” (do neto de Freud) é a ausência da mãe que traz angústia à criança, colocando em evidência um desejo pela sua presença. O jogo do carretel é um trabalho psíquico que permite à criança dominar a situação. Passando da passividade da experiência aflitiva para a atividade do jogo, ela transfere o caráter desagradável para um dos elementos da brincadeira e deste modo vinga-se num substituto. Essa função psíquica (dominar a excitações pulsionais que atingem o aparelho) é independente do princípio do prazer e mais primitiva que ele. Leva a um prazer de outro tipo, já que restabelece o equilíbrio psíquico que foi rompido pela experiência desagradável. Tornando, alternativamente, a mãe presente e ausente no jogo do carretel, a criança está fazendo o trabalho de “ligação” psíquica ou vinculando as moções pulsionais às representações, conforme nos apontou Freud no texto de 1920⁸.

O fato dos adultos não mais brincarem, como quando eram crianças, é porque a fantasia substitui para eles a atividade lúdica infantil. Nesse sentido, a fantasia tem função semelhante ao brincar: a partir de uma situação tanto de gozo quanto de angústia, ela pode produzir um prazer de outro tipo.

A fantasia “é uma máquina”, que se põe em ação quando se manifesta o desejo do Outro, capaz de domar o gozo transformando-o em prazer ou, dito de

⁶ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”, in *Percurso de Lacan*, p. 102.

⁷ FREUD, S., “Escritores Criativos E Devaneio”, ESB-1976, Vol. IX.

⁸ FREUD, S., “Além Do Princípio Do Prazer”, E.S.B.-1976, Vol. XVIII, p. 25 e seguintes.

outro modo: a fantasia é um recurso que recobre a angústia suscitada pelo desejo do Outro⁹.

Em relação às implicações clínicas, a fantasia fundamental, que corresponde ao segundo tempo da fantasia “*Bate-se numa criança*”, segundo as indicações freudianas, nunca é interpretada. A interpretação deve ser relativa aos sintomas, pois a fantasia fundamental, não é objeto de interpretação por parte do analista, mas sim objeto de construção.

A fantasia fundamental apresenta certa monotonia, conforme já havia demonstrado Freud com a frase paradigmática. Para J. A. Miller ela corresponde à *Urverdrängung*, ou seja, ela é correlativa ao que nunca poderia vir à luz do recalcado, é o ponto limite da análise. Se ela não se oferece ao movimento da interpretação, é, entretanto, um “*trabalho próprio do analista obter sua revelação. Daí poder-se dizer, que a fantasia fundamental é aquilo que se apresenta na experiência como não tocado, não atingido diretamente pelo significante*”.¹⁰

A experiência analítica não é unilateralmente fundamentada na dimensão do sintoma. Se por um lado a análise não visa apenas curar o paciente de seus sintomas, por outro ela visa uma modificação na relação do sujeito com sua fantasia fundamental. “*O fim de análise tem por objeto uma modificação muito mais profunda que a do nível do sintoma, pois o que se busca é uma certa modificação subjetiva da fantasia fundamental*”.¹¹

A fantasia fundamental é o que resta do desenvolvimento de uma análise, podendo ser situada como o resíduo da interpretação do sintoma. Miller, tentando avançar no tema, distingue as três dimensões da fantasias:

1^a - imaginária - Trata-se de tudo que o sujeito pode produzir como imagens e que pertence à relação entre o eu e o seu semelhante.

2^a- simbólica - A fantasia consiste em uma pequena história que obedece a certas regras, certas leis de construção, que são as leis da língua. O texto freudiano sobre o referido tema mostra claramente que a fantasia não é mais do que uma frase (“*Uma Criança É Espancada*”) com algumas variações gramaticais. Essa dimensão simbólica, não surge de imediato na experiência da análise. Trata-se

⁹ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p.103.

¹⁰ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p. 111.

¹¹ Ibid..

primeiramente de uma decantação da “selva” da fantasia como sugere Lacan, da profusão de fantasias, para chegarmos a obter a frase. Lacan enfatiza, nos *Escritos* (Kant com Sade), não só o deslocamento da dimensão imaginária da fantasia para a dimensão simbólica, mas também um **deslocamento da gramática** (no sentido dos tempos verbais da fantasia) **para a lógica da fantasia**. A expressão “**lógica da fantasia**”, proposta por Lacan, obtém seu valor em relação à expressão “gramática da fantasia”, que já estava em Freud.

3ª – real – A dimensão real da fantasia, só é abordada por Lacan num momento já adiantado de sua teorização. Dizer que a fantasia é da ordem do real na experiência analítica, é dizer que se trata de um impossível de mudar, de um resíduo resistente.

Para Lacan, a fantasia fundamental é uma frase que, em lógica, chama-se de axioma. Os axiomas estão no fundamento do sistema ou, dito de outro modo, são algo posto ao princípio. Não se deixam modificar pelas leis de transformação do resto do sistema, e são portanto, o ponto de partida para a produção de verdades, falsidades e verificações¹². Nesse sentido é que a fantasia fundamental pode ser lida como uma construção axiomática, que aponta para uma divisão do sujeito falante e para sua posição à mercê do Outro.

No pensamento lacaniano, o fim da análise é conquistar uma modificação da relação do sujeito com o real da fantasia. O problema é como conseguir essa modificação subjetiva quanto ao real, com os meios da linguagem, que são os únicos de que o analista dispõe. Nesse sentido, afirma Miller, “*a direção da cura requer que se conheça a delimitação exata entre sintoma e fantasia*”. Esse autor nos indica também que, quando se mantém a direção correta, “*o desenvolvimento do tratamento está marcado pela obtenção de uma fantasia cada vez mais pura e mais trágica*”.¹³

Em relação ao sintoma, há uma dinâmica que se contrapõe à “**estática da fantasia**”, expressão utilizada por Lacan no seu texto “*Kant com Sade*”¹⁴. Na experiência analítica, aparece a “inércia” da fantasia fundamental e o analista precisa perceber que não se trata meramente de um fator negativo, pois é preciso poder vê-la como real, como resíduo da própria operação analítica. O fato “de o

¹² MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”(1983), in *Percurso de Lacan*, p. 135.

¹³ Op. cit., pg. 113.

inconsciente ser estruturado como uma linguagem” não implica que tudo deva ser interpretado, afinal o que não se interpreta tem também uma função.

Creio justamente que a direção da cura é a utilização, como um instrumento, dessa fantasia reduzida. Ou seja, essa fantasia fundamental, que não se interpreta como tal, é em si mesma um instrumento da interpretação analítica.¹⁵

O sintoma surge para o sujeito como um enigma; o paciente não sabe o que fazer com ele e por isso demanda interpretação. Se Lacan situa o “*sujeito suposto saber*” do lado do analista, é porque na entrada do processo analítico a demanda fundamental do paciente é relativa ao enigma, à interrogação que seu próprio sintoma lhe faz.

A posição de submissão, daquele que sofre, em relação ao Outro, que caracteriza a fantasia fundamental, é percebida pelo sujeito, embora este não se implique quanto ao submetimento, responsabilizando o Outro como o causador de todos os seus sofrimentos. Daí ser necessário, que o analista busque levar o analisando a um questionamento sobre o que sua fantasia encobre.

A consistência da estrutura neurótica implica que haja sempre uma inércia relativa à fantasia fundamental, ainda que os sintomas possam desaparecer, já que esta é como a matriz da construção neurótica, ou seja, algo posto no princípio. É o ponto de partida e, ao mesmo tempo, o ponto limite. Por isso, nos diz Miller: “... *ao chegarmos ao ponto mesmo da fantasia, não estamos diante de uma mera reticência do sujeito e sim diante de uma falta das palavras e do saber*”. Freud já o tinha percebido, como nos relata no texto de 1919: “*nada mais sei sobre isto: estão espancando uma criança*”.¹⁶

Embora a fantasia fundamental seja sempre uma resposta à questão do desejo do Outro, existem formas diferentes de responder a ele, como sugere Miller:

Creio que as diversas estruturas fantasmáticas e diferentes estruturas clínicas podem ser situadas como modos de resposta à questão do desejo do Outro. Essa é também uma indicação de Lacan...¹⁷

¹⁴ LACAN, J. A., “Kant com Sade” (1962) in *Escritos*, p. 786.

¹⁵ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”(1983) in *Percurso de Lacan*, p. 114.

¹⁶ FREUD, S., “Uma Criança É Espancada...”(1919), E.S.B.-1976, p.227.

¹⁷ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”(1983), in *Percurso de Lacan*, p.106.

É no seminário 8 (1960-61) que Lacan vai teorizar mais especificamente sobre as variações da fantasia na neurose, chegando a postular uma fórmula específica para a fantasia histérica e uma outra para a fantasia obsessiva¹⁸.

Na neurose o sujeito tenta manipular a fantasia de modo que o Outro apareça completo, como dono e senhor do seu desejo, o que equivale a ficar sem desejo. No caso específico da histeria, o sujeito apresenta-se como alguém que não tem lugar no Outro. O histérico é por excelência o \$, sujeito barrado; um sujeito preterido e sem habitação no Outro.

Na experiência analítica o histérico se lamenta essencialmente dessa falta do significante que poderia prendê-lo ao Outro. Apresenta-se rebelde a um significante e por isso “sem lar, voluntariamente à margem da humanidade”¹⁹. Quando procura o analista, o sujeito histérico busca na verdade um lugar para si, que não consegue encontrar, o que lhe acarreta dor de existir, consequência deste vazio fundamental.

[O sujeito histérico] imagina precisamente que tem o dever de ensinar ao Outro, o qual imagina completo, a verdade do desejo. Por imaginar o Outro completo, pensa que seu dever é tomar a falta a seu cargo e mostrá-la.²⁰

Vejam agora a especificidade da fórmula lacaniana para a fantasia histérica:

$$\underline{a} \diamond A$$

$$-\phi$$

Lacan ao introduzir a fórmula a descreve como: “ ‘a’ o objeto substituto ou metafórico, sobre alguma coisa que está escondida, a saber, *menos phi*, sua própria castração imaginária em sua relação com o Outro.²¹” Ou seja, no lugar de $\$ \diamond a$,

¹⁸ LACAN, J., lições XVII (19/04/61) e XVIII (26/04/61) in O Seminário-livro 8: *A Transferência*. Lacan no decorrer de toda obra não retorna mais à essas duas fórmulas.

¹⁹ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia”(1983), in *Percurso de Lacan*, p.121.

²⁰ MILLER, J. A, Op. cit..

²¹ LACAN, J., O Seminário-livro 8: *A Transferência*, p.244.

Lacan escreve $\underline{a} \diamond A$, referindo-se à fantasia histérica.

$-\varphi$

Sabemos que diante do enigma insuportável do desejo do Outro e da falta de significante que o assegure, a histérica tenta fazer de sua fantasia, a sua verdade, como forma de se defender. Nela, o Outro (A) aparece sempre completo, sem barra, e diante do mesmo, o sujeito histérico coloca-se como “objeto a”, mas de forma impotente porque sustentada pelo $-\varphi$ da castração imaginária. A histérica, diz Lacan:

... troca sempre seu desejo por este signo $[\varphi]$, não vejam noutra parte a razão para aquilo a que se chama sua mitomania. É que há uma coisa que ela prefere ao seu desejo – ela prefere que seu desejo seja insatisfeito a que o Outro guarde a chave do seu mistério. Esta é a única coisa que lhe importa, e é por isso que, identificando-se com o drama do amor, ela se esforça, quanto a este Outro, em reanima-lo, reassegurá-lo, recompletá-lo, repará-lo.²²

É deste modo, portanto, que a histérica quer ser desejada pelo Outro, o “A”, em sua fantasia: como um “nada” que completa a própria completude.

Lacan criou também uma fórmula específica para a fantasia obsessiva:

$$A \diamond \varphi (a, a', a'', a''', \dots)$$

O sujeito obsessivo na fórmula instituída por Lacan surge como A, um Outro barrado. Apesar da barra o predomínio do caráter narcísico está presente e seu desejo é falicizado através dos objetos; o segundo termo da fórmula: $\varphi (a, a', a'', a''', \dots)$. Lacan o ilustra com a sugestiva fábula da rã:

Na base da experiência do obsessivo, existe sempre o que chamarei de um certo receio de desinflar, relacionado com a inflação fálica. De certo modo, a função Φ – do falo – não poderia ser mais bem ilustrada nele do que na fábula da rã que quer se fazer tão grande quanto um boi. *O miserável animal*, como sabem, *inchou tanto que estourou*.²³

O obsessivo em sua maneira de se situar em relação ao Outro, prende-se a ele como a um significante no qual crê do modo mais tenaz. O sujeito obsessivo

²² Op. cit., p. 243.

²³ LACAN, J., O Seminário- livro 8: *A Transferência*, p. 253.

coloca-se voluntariamente como escravo e, como diz Miller, “mesmo que seja um rebelde sempre o será em nome de uma lei.”²⁴ Ele quer que sua relação com o Outro se ajuste a determinadas regras. O obsessivo é obediente, cumpre todas as regras, porém o capricho do Outro o revolta. “Pode-se dizer que aceita a bota, mas não o capricho do Outro”, ilustra Miller²⁵. Este é o modo de estabelecer a permanência e a consistência do seu Eu. Essa tendência determina as intermitências e os desvanecimentos do seu desejo diante do objeto.

A relação do obsessivo com o objeto é essencialmente governada por alguma coisa que tem relação com a castração, a qual assume neste tipo de neurose uma forma agressiva: ausência, depreciação, rejeição, recusa do signo do desejo do Outro.

Não abolição, nem destruição do desejo do Outro, mas rejeição de seus signos. Eis o que determina esta impossibilidade tão particular que marca no obsessivo a manifestação de seu próprio desejo.²⁶

Os objetos de desejo para o obsessivo são colocados em função de certas equivalências eróticas e isso não é algo recalcado como na histeria mas, pelo contrário, é perceptível, confessado no sintoma, consciente. “Como é possível que as coisas sejam ao mesmo tempo tão ditas e tão desconhecidas?”, diz Lacan²⁷. Como se poderia dizer que a função do falo no obsessivo fosse capaz de ser reconhecida? Ela o é, apesar de estar sob o recalque, e por mais confessada que seja, não pode ser reconhecida sem a ajuda do analista.

Ser sujeito é ter seu lugar no Outro -A- porém, existe um acidente possível: que ocorra a falta de fala do Outro, diz Lacan, referindo-se especialmente ao caso da neurose obsessiva.

É no momento preciso em que o sujeito manifestando-se como função de ϕ - *phi* – com relação ao objeto, se desvanece, não se reconhece mais, é neste ponto preciso, na falha do reconhecimento, que o desconhecimento se produz automaticamente. Neste ponto de falha onde se encontra encoberta a função de falicismo a que o sujeito se dedica, produz-se, no lugar, essa miragem de narcisismo que chamarei de realmente frenética no sujeito obsessivo.²⁸

²⁴ MILLER, J. A, “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p.126.

²⁵ Op. cit.,p.127.

²⁶ LACAN, J., O Seminário-livro 8: *A Transferência*, p.245.

²⁷ Op. cit.,p. 251.

²⁸ LACAN, J., O Seminário-livro 8: *A Transferência*, p. 251.

Esta alienação ao falicismo, salientada por Lacan, se manifesta de modo visível no obsessivo, como por exemplo, naquilo que se chama suas dificuldades de pensamento.

Ao instituir as fórmulas específicas para a fantasia histérica e para a fantasia obsessiva, Lacan pretendeu demonstrar que determinados comportamentos humanos são respostas peculiares frente a questão do desejo do Outro, não anulando no entanto, a fórmula geral da fantasia fundamental - $\$ \diamond a -$, já postulada por ele desde 1958.

... Cada estrutura clínica tem o que se pode chamar – e assim Lacan o chamou certa vez – sua própria ‘pantomima’, ou seja sua própria estratégia ante a questão do desejo do Outro. Diferente no histérico e no obsessivo, essa resposta concreta é sua fantasia, no sentido mais amplo da palavra. Não no sentido da fantasia fundamental como resto da operação analítica, e sim a fantasia como sua maneira de ser.²⁹

As relações fantasia – sintoma na estrutura perversa foram já analisadas no capítulo anterior, tendo como texto base o “Kant Com Sade”, considerado o paradigma da fantasia na teoria lacaniana³⁰.

No final do seminário “*A Lógica do Fantasia*”³¹ que, segundo Miller, trata menos da fantasia³² e talvez mais de lógica, Lacan afirma que a fantasia tem uma significação de verdade. Como dizer que a fantasia tem significação de verdade, se o mesmo se diz do sintoma, que o sintoma é como a irrupção da verdade na vida do sujeito? Em relação a esta questão, segundo este autor, deve-se compreender tal afirmativa de Lacan, como se referindo à verdade lógica.

Partindo das idéias de Lacan, corroboradas por Miller, podemos finalmente inferir que, na experiência analítica, sempre resta um ponto irredutível para o paciente. Apesar desse ponto de impossibilidade, o analisando pode, entretanto, chegar a perceber a posição subjetiva que determina toda sua vida e não mais ser

²⁹ MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p.128.

³⁰ Segundo Miller, se o paradigma da fantasia em Freud é o “Bate-se Numa Criança”, em Lacan por sua vez, o texto paradigmático, referente à fantasia, é o “Kant Com Sade”: *Lacan Elucidado – Palestras no Brasil*, p. 154.

³¹ LACAN, J., O Seminário- livro 14 (1966): “*A Lógica do Fantasma*”(inédito), versão Argentina em CDROM da Obra de J. Lacan.

³² MILLER, J. A., “Duas Dimensões Clínicas: Sintoma e Fantasia” (1983) in *Percurso de Lacan*, p.123.

enganado por ela. Isto será relevante para o analista na condução do tratamento, pois ainda que os sintomas desapareçam, a fantasia fundamental permanece.

4.2

Fantasia e final de análise

A noção de final de análise interessa a esta pesquisa, na medida em que Lacan a articula com a **travessia da fantasia** e com a **destituição subjetiva**. No entanto, não se pretende de modo algum, esgotar esse tema tão polêmico que causa, ainda hoje, numerosas discussões dentro das próprias escolas de psicanálise que seguem a teoria lacaniana. A abordagem do “final de análise”³³, nesta pesquisa, limita-se portanto, apenas às relações que esta noção mantém com a fantasia fundamental.

A análise pode interromper-se numa resolução no plano do alívio dos sintomas (terapêutica), mas pode também ser conduzida, segundo a doutrina lacaniana, ao seu fim autêntico, a seu termo lógico. O que seria esse termo lógico além da ordem terapêutica? Segundo Miller e seus pares da Associação Mundial de Psicanálise, fundada em 1992, trata-se de uma mutação que transforma o sujeito no que ele tem de mais profundo. Essa condição é alcançada através do desvelamento e da travessia da fantasia fundamental, resultando deste processo um ser que não é mais tapeado por sua fantasia ; que passa para trás de um véu, para trás da cortina, de sua **Weltanschauung**, que vê seu próprio ponto cego. Esta é a posição exigível do analista.”³⁴

A pergunta sobre o fim da análise, foi colocada bem antes de Lacan, por Freud em 1937 e, até mesmo anteriormente, foi proposta por Ferenczi. Ela assim se formula: “Existe um fim de análise que não seja uma interrupção, mas o desfecho de um processo?” Lacan responde afirmativamente e situa esse desfecho em termos de cálculo, da solução de uma equação. O fim tomado como solução tem por referência necessariamente uma resolução de saber, ainda que apenas em parte.

³³ O tema “final de análise” merece ser estudado com maior profundidade, porém, estendê-lo aqui fugiria ao propósito desta dissertação, que privilegia as implicações que a fantasia traz para a clínica psicanalítica.

³⁴ MILLER, J. A., Prefácio in *Como Terminam as Análises* - textos da AMP.

No texto de 1937³⁵, que é onde Freud aborda a questão do término da análise, ele indica que a experiência psicanalítica desemboca no “rochedo da castração”, ou seja, o que se encontra no horizonte é uma falta que se coloa para ambos os sexos e que permanece para sempre fora do alcance da análise.

Lacan, por sua vez, supera esta objeção formulando que se trata menos de um impasse, do que de um ponto de chegada do processo analítico, onde o sujeito não pode se curar de sua divisão. A vertente da análise que corresponde à decifração do inconsciente e à posição do sujeito como efeito do significante é interminável, pois jamais se esgotará devido ao recalque primário.

Lacan, entretanto, vai pensar o final de análise a partir de uma outra vertente. Embora não responda a esta questão de forma explícita, foi construindo a resposta até chegar à equação do fim: da passagem do psicanalisando a psicanalista. Essa é a tese de Lacan: Se uma determinada análise chega ao término, produz um sujeito transformado, um analista.

Na história da psicanálise, a distinção entre análise didática e a terapêutica teve uma posição de peso. No pensamento lacaniano porém, a análise é uma só: começa pelo sintoma ou pelo que produz sintoma. O enigma que este representa para o sujeito leva-o a buscar solução junto a um analista, sendo deste modo que o significante da transferência articula-se com um determinado analista, entre outros.

Evidentemente devemos ressaltar, como aliás o autor o faz, que é preciso distinguir o analista do profissional. Quando Lacan se refere à “passagem a analista”, evoca uma transformação que acarreta um desejo novo - o desejo do analista-, que nada tem a ver com o desejo terapêutico, que busca o bem, o melhor, etc.... Trata-se de uma outra posição a ser ocupada após o fim da análise³⁶.

Foi nos anos sessenta que Lacan começou propriamente a fornecer uma descrição mais precisa dos mecanismos de “**destituição subjetiva**” para o analisando e do “**desejo do analista**”, articulando-os à fantasia fundamental no final de análise. Em 1958³⁷, porém, já se organizava o destino destas duas vias,

³⁵ FREUD, S., “Análise Terminável E Interminável” (1937), Vol. XXIII, ESB-1976, p. 247.

³⁶ Verificar Soler, C., “A Equação do Fim da Análise” in *Variáveis do Fim de Análise* (1995), cap.1.

³⁷ LACAN, J., “A Direção do Tratamento e os Princípios de Seu Poder” in *Escritos-1998*, p. 591.

bem como a relação com a fantasia³⁸. Nessa época, Lacan criticou os teóricos da contratransferência que reduziam a experiência a uma dialética intersubjetiva, perdendo a via da prática analítica, uma vez que a reciprocidade entre as duas posições, analisando e analista, contraria as indicações da própria teoria. Lacan fez uma análise crítica dos rumos que o meio psicanalítico vinha tomando, àquela altura, através de seus representantes, denunciando o afastamento teórico de Freud e propondo, por sua vez, as bases em que a direção do tratamento analítico deveria se guiar.

...Nem por isso estamos denunciando o que a psicanálise tem hoje de antifreudiana. Pois, nesse aspecto, deve-se reconhecer que tirou a máscara, uma vez que ela se vangloria de ultrapassar aquilo que aliás ignora, guardando da doutrina de Freud apenas o suficiente para sentir o quanto lhe é dissonante o que ela acabou de enunciar de sua experiência. Pretendemos mostrar como a impotência em sustentar autenticamente uma práxis reduz-se, como é comum na história dos homens, ao exercício de um poder³⁹.

Sobre o processo analítico, Lacan afirma que no início é preciso que o analista utilize-se de um artifício, anunciando a regra de que só haverá palavras em jogo. Por outro lado, o fim do processo obedece a uma lógica diametralmente oposta a do início⁴⁰. Tentando explicar a direção da análise e sua orientação, Lacan, remete-se à tradição do estilo de Clausewitz⁴¹, diferenciando três planos para o processo analítico: a **política**, a **tática** e a **estratégia**.

O analista, neste contexto, deve servir como suporte para a fantasia do analisando. O analista, que no início introduz a associação livre, o jogo significativo, a liberdade do sonho, encarrega-se também da fantasia do analisando, deixando-se determinar por ela, permitindo a instalação da neurose de transferência. Porém o analista deve saber para onde está indo e não se deixar tomar pela fantasia do paciente. O percurso analítico se encaminha para a falta-a-ser.

³⁸ Consultar Laurent, É., *Versões Da Clínica Psicanalítica*, p. 13.

³⁹ LACAN, J., “A Direção Do Tratamento E Os Princípios De Seu Poder” – Relatório do Colóquio de Royaumont (10/07/1958), in *Escritos*, p. 592.

⁴⁰ O artigo de Laurent - “Lacan Clássico” – in *Versões da Clínica Psicanalítica*, sintetiza de forma esclarecedora a essência das idéias lacanianas, referentes a este trabalho do Colóquio de Royaumont.

⁴¹ O general Carl Von Clausewitz, teórico e historiador militar prussiano (1780-1831), formulou em *Der Krieg* uma teoria da guerra e sublinhou sua subordinação à política, da qual ela seria um instrumento particular de ação.(N.T.) in *Versões da Clínica Psicanalítica*, op. cit..

“O analista é ainda menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser.”⁴²

O termo **falta-a-ser**, segundo Laurent, ocupou em 1958, para Lacan, o mesmo lugar que ocuparia o **des-ser do analista** anos depois⁴³. Podemos inferir desta afirmação de Lacan que, onde o analista é menos livre, é justamente em sua política, e esta, em psicanálise, é definida por sua ética. A proposta psicanalítica visa buscar a particularidade, a singularidade de cada um e isso só pode ser alcançado na análise do **desejo**. Em suma, esta é, muito resumidamente, a **política** apresentada por Lacan em 1958, para a condução do processo analítico.

A **tática** utilizada pelo psicanalista é a interpretação e, quanto a ela, o analista é livre para decidir o número e o momento de suas intervenções. O analista é livre em sua tática, apenas na medida em que esta esteja ligada a uma determinada estratégia.

A **estratégia** utilizada pelo analista envolve a transferência. A transferência é necessária e até mesmo incentivada, na medida em que o analista aceita ser colocado no lugar de sujeito suposto saber, no início da análise, para provocar a associação livre e a emergência do inconsciente. No final da análise, por outro lado, o analista cai da posição de suposto saber, assumindo diante do analisando uma outra posição. Essa idéia continua a ser trabalhada no seminário 11, que é propriamente onde Lacan iniciou sua reflexão sobre o final de análise, indicando as noções do que deve acontecer ao término deste processo, implicando inexoravelmente em mudanças, por parte do analista, na condução do mesmo. No último capítulo, Lacan coloca algumas perguntas que dizem respeito à esta questão: “ Como pode alguém se livrar da transferência? A expressão *liquidação* da transferência tem algum sentido real? Se a transferência é atualização do inconsciente, será que isso quer dizer que, no final de análise, não há mais inconsciente? Ou será que é o sujeito suposto saber, para tomar minha referência, que deveria ser liquidado como tal? ”⁴⁴

⁴² Lacan, J., “A Direção Do Tratamento E Os Princípios De Seu Poder”, p.596.

⁴³ Foi apenas em 1967 na “Proposição de 9 de Outubro”, que Lacan introduziu pela primeira vez os termos “passe” e “des-ser”, relacionando-os à posição que deveria ocupar aquele que pretende ser analista.

⁴⁴ LACAN, J., *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964), p. 253.

Lacan diz que o analista deve promover na análise, em última instância, o objeto como causa de desejo. O analista sai portanto da posição de objeto desejado e coloca-se no lugar do objeto que causa desejo. Para tanto é preciso que a manutenção do analista, na posição de um ideal caia.

Em 1967⁴⁵, três anos após ter fundado a École Freudienne de Paris, Lacan propõe instaurar a nível institucional um dispositivo complexo **-o passe**⁴⁶. Este dispositivo é o modo de aferição pelo qual se daria a passagem de analisando a analista. Os princípios de funcionamento do tal dispositivo foram votados e adotados em 1969, em assembléia geral, a partir de um texto escrito por Moustapha Saphouan e seus colaboradores⁴⁷.

A “Proposição” na qual Lacan introduz o passe, segundo Roudinesco, constitui sem dúvida um dos atos mais inovadores da história da psicanálise em matéria de formação do analista:

“Lacan quer assim reintroduzir o que se ensina ou transmite no divã como único princípio de acesso a uma função que tendia até então a não ter nada mais comum com a especificidade da psicanálise”⁴⁸

Não encontramos na obra de Lacan um matema do final de análise, mas apenas algumas indicações e o dispositivo institucional, para que um saber sobre este fim possa ser constituído, a partir da experiência do passe. Lacan, ainda neste polêmico texto, referindo-se à relação do analisando com o analista, faz uma analogia com o jogo de xadrez afirmando que, como nos tratados do referido jogo, “é preciso passar do início ao fim da partida”. Que no fim da partida, nos adverte o autor, se obtenha a “chave da passagem de uma das funções à outra” deve ser a exigência da análise didática. O próprio autor ressalta que “não há nada aí que não

⁴⁵ LACAN, J., “Proposição de 9 de Outubro de 1967”- 1ª Versão, publicada pela Letra Freudiana-Escola, Psicanálise e Transmissão, ano XIV-no 0.

⁴⁶ O presente trabalho privilegia a fantasia e questões correlatas; portanto a referência ao “passe” é bastante sumária, apenas a título de ilustração ao leitor; necessitando consulta à bibliografia específica caso haja interesse. O “dispositivo do passe” foi introduzido por Lacan em 1967, tratando-se na prática de um procedimento onde o testemunho do final de análise e principalmente da passagem de analisante a analista, é conferido à instituição psicanalítica. Desde sua invenção o passe tem sido causa de debates, polêmicas e até mesmo cisões, como a saída em 1968 dos analistas da EFP que fundaram o “Quarto Grupo”, liderados por P. Aulagnier, F. Femir, J. P. Valabrega. Ainda hoje vem sendo introduzido em escolas lacanianas da Europa e América Latina, sob a égide da Associação Mundial de Psicanálise, entretanto sua experiência continua a parecer nova ...

⁴⁷ QUINET, A., *As 4+1 Condições Da Análise*, p.112.

⁴⁸ ROUDINESCO, E., *Histoire de la Psychanalyse em France*, Paris, 1986, p.455.

permaneça confuso ou velado”, e segue indicando como sua Escola poderia operar para “dissipar essas trevas”⁴⁹.

Na “Proposição de Outubro” além do passe, são elaboradas as coordenadas lógicas e clínicas do final de análise. Destaquemos aqui os dois aspectos abordados por Lacan que se coadunam mais diretamente com o tema dessa pesquisa: a destituição subjetiva e a fantasia.

“Atravessar a fantasia⁵⁰” não significa eliminá-la e sim percorrê-la, para que o sujeito possa experimentar-se nos seus dois pólos: o do sujeito e o do objeto ($\$ \diamond a$). O sujeito em sua análise experimentou-se como faltante, como aquele a quem falta o complemento, que a fantasia parece preencher. A experiência psicanalítica ao propiciar ao sujeito a travessia da fantasia, promove um abalo e uma modificação nas relações do sujeito com a realidade⁵¹.

A travessia da fantasia leva o sujeito à destituição subjetiva ou dito de outro modo, provoca a queda dos significantes mestres que o representavam, significantes da identificação ideal advindos do Outro [I (A)]. Perdendo os significantes que o subjagam, o sujeito é assim remetido à sua própria divisão. O que se apresenta é o objeto que ele é e foi estruturalmente para o Outro. Ao final deste processo o sujeito então se vê, diz Lacan, como: “Pura falta enquanto ($-\varphi$)[...] e puro objeto enquanto (a)[...]”.

“Essa falta e esse objeto, eu demonstro que eles têm a mesma estrutura. Essa estrutura não pode ser senão relativa ao sujeito, no sentido admitido pelo inconsciente. É ela que condiciona a divisão desse sujeito.”⁵²

A destituição subjetiva, para Lacan, corresponde ao advento do ser, conforme suas próprias palavras: “É por isso que eu digo que é nesse ($-\varphi$) ou nesse (a) que aparece seu ser.”⁵³ Concomitantemente, a destituição subjetiva corresponde ao desvanecimento do Outro e o analista, enquanto Outro, também é atingido. O analista neste fim, é destituído do suposto saber, aparecendo cada vez mais, na posição de resto. A transferência se dissipa e o analista perde o valor de

⁴⁹ LACAN, J., “Proposição de 9 de Outubro de 1967”, op. cit., p.13.

⁵⁰ Outros termos equivalentes tem sido utilizados pelos analistas lacanianos tais como: “franquear a fantasia” (Miller); “cruzar a fantasia” (Anne Dunand).

⁵¹ QUINET elucida essa noção de forma simples e concisa em *As 4+1 Condições da Análise*, op. cit., p. 116-119.

⁵² LACAN, J., “Proposição de 9 de Outubro de 1967”, op. cit., p.13.

⁵³ Op. cit, p. 14.

objeto valioso (agalma), finalmente sendo largado pelo analisando na posição de dejetos.

Colette Soler como uma das participantes, desde os anos oitenta, dos estudos referentes à *travessia do fantasia e final de análise*, na Escola da Causa Freudiana em Paris, muito tem contribuído sobre o tema. Partindo do questionamento relativo à fantasia fundamental na análise, a autora desenvolve noções lacanianas que ainda suscitam inúmeras controvérsias no meio psicanalítico, a saber:

Será possível identificarmos o que se chama **construção da fantasia e sua travessia**?

“Se por construção da fantasia designamos, como creio que convém fazer, o trabalho pelo qual o sujeito desdobra e esclarece a fantasia, durante o processo de re-historicização de seu passado e de questionamento dos afetos transferenciais, então a construção da fantasia não implica sua travessia. Trata-se antes, de uma espécie de focalização (no sentido fotográfico do termo) do postulado com que o sujeito se garante”.⁵⁴

Na tentativa de diferenciar a **construção da travessia**, Colette Soler parece atribuir claramente a autoria da construção da fantasia, ao próprio analisando. O texto freudiano de 1919⁵⁵, no entanto, não apresenta evidência alguma quanto à autoria da construção, ao menos no sentido desenvolvido mais tarde em “Construções em Análise (1937)”⁵⁶, em que Freud enfatiza o papel do analista em sua elaboração. No capítulo III, quando esclarece o caráter “residual” da fantasia de espancamento e tenta explicar o seu desenvolvimento histórico, ele afirma sobre o segundo tempo da fantasia:

“Essa segunda fase é a mais importante e a mais significativa de todas. Pode-se dizer porém, que, num certo sentido, jamais teve existência real. Nunca é lembrada, jamais conseguiu tornar-se consciente. É uma **construção da análise**, mas nem por isso é menos uma necessidade”.⁵⁷

“*Construção da Análise*”, expressão freudiana, a princípio pode remeter-nos a dúvida: quem afinal deve construir a fantasia na análise? O analisando ou o analista?

⁵⁴ SOLER, C., in *Como Terminam as Análises – Textos reunidos pela AMP*, pg. 159.

⁵⁵ FREUD, S., ESB-1976, vol. XVII: “Bate-se Numa Criança”.

⁵⁶ FREUD, S., ESB-1976 vol. XXIII, p. 289.

⁵⁷ FREUD, S., ESB-197, vol. XVII, p. 232 (grifo meu).

“Repito, no entanto, que a fantasia, via de regra permanece inconsciente e só pode ser reconstruída no decorrer da análise”.⁵⁸

A expressão “*reconstruída*” implica que já houve uma primeira construção e esta só pode ter sido por parte do analisando. No nosso entender, quem constrói em análise o segundo tempo da fantasia de espancamento é evidentemente o analisando. Ao analista, a partir dos significantes escutados, caberia a condução do processo analítico no sentido de possibilitar ao analisando que este reconstrua sua posição inconsciente de estar à mercê do Outro.

A construção da fantasia, que insiste em se escrever, exerce uma função de real no simbólico mas não é o real. A fantasia é imaginária na medida em que coloca no Outro uma consistência de gozo que ele não tem. Embora ainda não se trate de travessia, “a localização da fantasia pode ter efeitos positivos, quase terapêuticos, na medida em que aquele que acredita saber o que esperar e a que se agarrar, já não é totalmente ingênuo e pode ... se habituar.”⁵⁹

A **travessia da fantasia** é um passo além de sua construção. Se quisermos dar-lhe uma definição clara, segundo Soler, esta operação implica a derrocada ou, pelo menos, um questionamento da convicção que a fantasia comporta, revelando, portanto, a sua dimensão imaginária. A travessia da fantasia chegará a termo quando o sujeito não mais acreditar em sua ficção, mas nela reconhecer simplesmente sua aposta. Isso tem efeitos de transformação na libido: desvela a inconsistência do Outro e no mínimo tempera as coerções imaginárias e simbólicas.⁶⁰

A inconsistência do Outro se verifica na análise durante o processo de construção da fantasia e na própria travessia. O percurso analítico, portanto, poderia ser descrito, como a passagem da segurança da fantasia fundamental à queda desta segurança.

“As ondas delirantes da neurose são chamuscadas pelo fantasma, durante um momento o sujeito fica cativo da convicção, para não dizer da certeza, de que tem a ver com um Outro que lhe quer mal, um Outro, cujo gozo o ameaça”.⁶¹

⁵⁸ In Op.Cit., pg. 238.

⁵⁹ SOLER, C., in *Como Terminam As Análises* – textos da AMP, p.159.

⁶⁰ Soler, desenvolve estas noções no livro: *Como Terminam as Análises*, Op. cit..

⁶¹ SOLER, C., in *Variáveis do Fim da Análise*, p. 196.

A segurança da fantasia fundamental é o que detém, e de certo modo também mascara, a indecisão característica de todo neurótico. Lembramos com C. Soler, que há ainda outra coisa que detém a indecisão neurótica: a angústia como sentimento não enganador; embora estejamos privilegiando aqui a questão da fantasia.

Esta “segurança” apresenta um paradoxo, que Lacan se empenhou em elaborar, até extrair dele uma lógica, a saber: a fantasia fundamental é uma ficção, uma história reduzida que conta sobre a vida do sujeito. Como ficção, o pequeno relato pertence a um registro simultaneamente imaginário e simbólico e, portanto, deveria ser afastado do real. Entretanto, esta ficção é fixa, e Lacan, em “Subversão do Sujeito”⁶², formulou a idéia de que “uma ficção fixa é a que toma os caracteres do real”⁶³.

A solução lógica encontrada por Lacan, é afirmar que a fantasia fundamental é como uma proposição *a priori*, em que o sujeito não aparece como seu enunciante mas, pelo contrário, como seu efeito.

Podemos concluir com Colette Soler, que a fantasia é uma interpretação fixa em que se atribui a um Outro uma vontade de gozo que traz, conseqüentemente, um efeito de castração. “*Uma criança é espancada*” é uma hipótese sobre o gozo daquele que bate. Essa interpretação sem dúvida não exclui que “o espancado” receba um ganho secundário ou algum benefício de gozo. Como atestam as análises dos neuróticos, é comum o sujeito situar-se em relação à fantasia de estar submetido ao Outro, continuando, porém, a mantê-la reservada. É necessário falar do “mal que o Outro causa” relacionado à transferência. Esse “mal” acaba por surgir na transferência com o analista, revestido pelo amor transferencial que o recobre, protege e coloca à distância, em segurança fantasmática, mas que freqüentemente irrompe tomando a dianteira na transferência, chegando a ameaçá-la.

Duas vertentes estão em jogo na fantasia: o objeto e a castração. O objeto, para cada sujeito, assume traços típicos em sua particularidade e a fantasia, por sua vez, oferece a versão particular do objeto de um determinado sujeito. Quanto à

⁶² LACAN, J., “Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano”(1960) in *Escritos*, p.822.

⁶³ Verificar SOLER, C., in *Variáveis do Fim da Análise*, p.195

castração, trata-se de uma imaginarização dela, que pode assumir diversas formas de perda tais como: perda de amor, de saúde, de beleza, de saber, etc...

Inicialmente o analisando experimenta, como efeito de sua própria castração, impotência no dizer, no saber, e no amor. Lacan insiste que o analista deve dar o desejo e não seu amor, o que não significa ser antipático ou odioso, mas sim elidir a dimensão amor/ódio em favor de um desejo, que é uma incógnita, um x.

Na análise, ir em busca do desejo significa indeferir o Outro, não somente de seu lugar idealizado, mas também do lugar do saber e sobretudo do lugar de vontade. No fim de análise, chega-se ao saber sobre o que Lacan chamou “as negatividades da estrutura”, ou dito de outra maneira, as impossibilidades que a estrutura implica (os obstáculos de saber, da não-relação sexual, da significação)⁶⁴.

O que Colette Soler enfatiza é que o problema da análise consiste em obter uma certeza que não seja a da fantasia fundamental, mas pelo contrário, a certeza de impasses. A saída do processo analítico só se oferece ao analisando pela travessia de um luto; o luto das expectativas transferenciais que, na verdade, nunca está ausente...

No final de análise, a demanda tende a entrar em decadência e instaura-se uma fase de renúncia. Os passantes parecem portar o estilo do sujeito que se curou de muitas ilusões. As perdas parecem, às vezes, terem maior peso na balança do que os ganhos. No entanto aquele que acredita poder prestar contas de um final de análise, já não está no tempo de lastimar o “sem-saída de sua demanda”⁶⁵. O luto que condiciona a queda da demanda, já foi atravessado por ele que, nessa altura, já ultrapassou a posição depressiva.

“Quando o analisando se livra da satisfação extraída da análise, quando o analista deixa de ser a causa do desejo ao mesmo tempo que o destinatário da demanda, o sujeito acredita haver recuperado uma liberdade e novas possibilidades”⁶⁶

Sair do discurso analítico é sair da demanda transferencial e essa saída comporta uma satisfação específica, deixando a libido disponível para outros fins:

⁶⁴ Cartel A do Passe (1990-92): S. Cottet (mais um), P.-G. Guéguen, C. Soler e H. Wachsberger, in *Como Terminam As Análises*: “Lições Clínicas do passe : I”- ECF, p. 152-159.

⁶⁵ OP. Cit., p.152.

⁶⁶ Cartel A do Passe, in *Como Terminam as Análises* - textos reunidos pela AMP, p.153.

trabalho, amor e outras sublimações... O sujeito então experimenta em geral uma espécie de recuperação do desejo.